

a humanização do Cão

Maria Cláudia Araujo*

Anos atrás, pensei em sondar a vida de um cão para narrar suas peripécias. Mel, o cocker de meu amigo Rafael, seria o objeto do meu estudo. Objeto é um termo adequado. Minha falta de afinidade explica-se por eu nunca ter adquirido um animal de estimação. Entretanto, Mel contraiu câncer e veio a falecer após longas sessões de quimioterapia. O meu protótipo de artigo ficou então no forno, até que dias atrás fui coagida a uma nova oportunidade. Minha sobrinha Anna Sofia, de 11 anos, saiu negociando pelas pet shops na tentativa de alugar-me um cachorro, por uma semana. O veterinário da Mister Dog alertou-a a não fazê-lo, alegando que nos apegaríamos ao cão, a ponto de não querer deixá-lo.

Anna não desistiu e levou-me à Tecnocampo, sob o pretexto de mostrar-me alguns cães. Antes que chegássemos, deixei claro que eu não tinha interesse em adotar nenhum animal. A loja dispunha de três cães, na fase

* Pesquisadora da CAPES; doutoranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestre em Literatura e Crítica Literária e especialista em Literatura, pela mesma instituição, e é graduada em Jornalismo pela UMC. É membro do grupo de pesquisas Pós-Religare, da PUC/SP. Contato: www.heteronimos.com.br

de um mês, prontos para serem doados. Anna, que já tinha um plano arquitetado, certificara-se antes de que os respectivos cães fossem entregues vacinados. “Vacina importada, Tatá! Leva!!!”, suplicava-me sem cessar. Espiei os cães por alguns minutos, um deles encontrava-se solitário na gaiola, vexado, cabisbaixo, orelhas murchas. O aspecto de proletário sem-teto, excluído, inspirava pena. Fitei-o resistente à comiseração, pois não tinha o mínimo intuito de levá-lo.

Tiramos o dócil cão da gaiola para avaliá-lo melhor. Estava trêmulo, supus que sentisse frio, mas explicaram que era medo. Ele parecia-me frágil — inofensivo como um criado-mudo —, tinha aparência de um filhote de pastor. Bonito, brilhante, negro com cinco unhas pretas em uma pata e cinco brancas na outra, tinha até sobranças, beges. “Leva o cachorro, Tatá, pense no lado bom!”, sugeriu-me Anna. “Não vejo lado bom, esqueça”, determinei. “Pense então no alívio que vai sentir quando ele for embora”, disse ela, importunando-me, até que eu cedesse. Perguntei qual era a raça. “SRD!”, respondeu a balconista. “SRD?”. “Sem Raça Definida”, completei: “vira-lata!” Providenciamos três quilos de ração, sobre-mesa em forma de ossinhos e uma coleira vermelha. “Só por uma semana”, avisei.

Pedi que as atendentes nos ajudassem a escolher um nome para o cão, que no final das contas era uma cadela. Fiz uma lista. Não sei se por obra do destino, o primeiro nome sugerido foi “Mel”, e depois Sol, Chuva, May, Belinha, July e Natacha... Não gostei de nenhum. Entrou um cliente na loja e pedi-lhe uma opinião. Ele analisou a cachorra e exclamou: “Princesa!”. Nome razoável, mas não me convenceu. Uma das balconistas deu a última sugestão: Ira. Levamos a cachorrinha até o carro, precisávamos pensar um pouco mais a respeito do nome. Anna acolhia a bichinha nos braços como se fosse um bebê.

Chegamos ao meu apartamento e já nos deparamos com dois voluntários: Lauri, de 10 anos, e Alan, de 13. A festa começou no elevador. Levei a cãozita até a área de serviço,

coloquei-a em uma caixa grande e ofereci-lhe água e ração. Ela não pensou muito para derrubar tudo e chafurdar o leito. Para a minha surpresa, não ficaria comportada, como estivera minutos antes. Bloqueamos a área de serviço com duas caixas de ferramentas, e deixamos o local livre. A cachorrinha latia sem cessar, agitada, de um canto a outro. Ao terminar de comer a ração deixou suas sujeirinhas por todos os lados, sem a menor disciplina. De onde tirei a ideia de que aquela coisinha fosse adestrada? Fizemos uma reunião para dar-lhe um nome. “Laika”, disse Alan. “Serião! Serião! Laika!” Estressados com a bagunça (que mal havia começado), não alongamos a conversa. Laika!

Brincamos com a cachorra o quanto possível, mas a madrugada viria a ser árdua. Laika se pôs a ganir e chorava em tom agudo, berrante e estridente. Os latidos frenéticos transformaram-se em escândalos ensurdecedores, que pareciam ser de gente. E aquele cãozinho, outrora singelo e carente da gaiola, tinha agora o aspecto de um dragão selvagem cuspidor de fogo. Onde teria encontrado forças para derrubar as caixas abarrotadas de ferramentas? Laika escapou até a cozinha e deixou muitas marcas anti-higiênicas, marrons e amarelas, por toda parte, incluindo os tapetes. Amarramos então sua coleira em duas cordas de varal, presas à torneira. Deitamo-la em uma caixa menor, tentamos recursos lúdicos, falas pedagógicas e didáticas, cafunés, músicas de ninar... Tudo funcionava bem, mas só enquanto estávamos presentes. E bastava que um de nós saísse do recinto, para que a cachorra rosnasse e grunhisse como uma desvairada. Uma hora da manhã, duas, três... e a histeria não tinha fim. Eu já estava preparada para que os vizinhos batessem à minha porta. Não conseguíamos fechar as pálpebras nem por poucos minutos. O monstinho canino roeu as duas cordas de varal e escapou, alastrando os berros por todo o apartamento. Se tivesse me ocorrido a ideia, eu teria lhe dado um cobertor velho ou cometeria a crueldade de cerrar-lhe a boca com esparadrapo. Uma pessoa sensata teria levado a cachorra para dormir consigo, mas como não sou sensata, deixei-a chorar até raiar o sol, quando finalmente “desmaiou” por horas.

Laika passeou com as crianças durante o dia, e eu decidi que no final da tarde a levaria para um canil, pois precisaria ausentar-me no dia seguinte. Telefonei para a clínica Hungária. “Canil não existe mais. Canil, hoje em dia, é onde se criam cães de raça. Posso indicar um hotelzinho.” O veterinário preveniu que ninguém pegaria Laika, nem por uma noite, pois ela tinha apenas um mês. Eis que começou então a minha jornada em busca de um pouso. Mas a previsão estava correta, os hotelzinhos não aceitaram Laika, sob a alegação de que os cães, nessa fase, não estão imunizados e correm o risco de contrair doenças. Anoiteceu. E eu tinha nas mãos uma bomba peluda e imantadora de moléstias, prestes a explodir rosnaduras por toda a vizinhança. Eu banzava inquieta sem saber o que viria a ser de nós, considerando ainda o meu despertador programado para as cinco e meia da manhã.

Reunimos a equipe, em caráter de urgência, para pensar em uma solução. Que tipo de assembleia era a nossa? O meu papel estava claro: presidente — pois era a única da equipe que não entendia absolutamente nada sobre o assunto. O papel da cachorra também era nítido, ela era a cliente, pois a sua satisfação e o seu bem-estar estavam em nossas mãos. Alan tinha pose de consultor, já que partiam dele as soluções pró-ativas. Ele nos trouxe o “Pipi Dog”, gotas de demarcação sanitária para direcionar o líquido excrementício do cão. Lauri era certamente o advogado de Laika, pois foi o primeiro a enjoar das reclamações da cliente. Lauri teve ainda a esplêndida ideia de drogar a cachorra com xarope (Calma! Só umas colheradas). Amanda, a nova integrante, 12 anos de malandragem, preferiu não tomar partido: nem a favor nem contra a polêmica liberação do uso das drogas. Uma política nata!

Não sabíamos se o plano de drogar a cachorra iria dar certo. Laika lambeu a colher, radiante, balançava o rabo, pulava, rosnava “Rrrrr” e brincava feliz, como se tivesse encontrado uma verdadeira família. Após tomar o xarope dormiu por umas duas horas e, finalmente,

voltou a acordar a todos. Por volta de meia noite ela começou a latir em desespero, e prosseguiu até às seis da manhã, com poucos minutos de trégua. Compreendo porque a balconista havia sugerido o nome “Ira”. Ausentei-me durante o dia todo, pensando se quando eu voltasse o ser descomunal ainda estaria vivo. O que a equipe faria com ele?

Retornei no final da tarde e a primeira notícia que tive, na porta do prédio, foi a de que levaria uma multa. Os vizinhos exigiram a retirada de Laika do recinto. Fiquei furiosa, e saí batendo de porta em porta, avisando que Laika não iria embora. Puxei a faca e desafiei os vizinhos para uma briga: “Laika não sai do prédio! Só se for por cima do meu cadáver!” Afinal, eu precisava observar a cachorra por uma semana e eles deveriam ter o bom senso de compreender o meu propósito. E quem não quisesse aturar a poluição sonora, que experimentasse tomar umas colheradas de xarope. Oras! Cambada de intolerantes. Que falta de solidariedade. Onde já se viu... Brincadeira! Não fiz nada disso. Eu ainda estava em meu juízo perfeito. Enfiei um saco na cabeça e subi. O cão continuava esganiçando. Naturalmente. Mas dessa vez sozinho, no meio da cozinha ‘barrenta’, marrom e amarela. Um verdadeiro pasto.

Para a minha surpresa, a equipe resolveu deixar-me só. Anna, a mentora do plano, também renunciou ao cargo quando a problemática começou a feder — e fedia muito. Tem futuro, essa garota, na Esplanada dos Ministérios. Eu, pulei do poder executivo para o judiciário, pois Laika estava sob o meu julgamento. Como eu poderia render justiça ao cão? Ou devo chamá-la de cachorra? Ou cadela? Tanto faz... pois o que interessa mesmo a um juiz é o crime. Aliás, que crime cometera esse cão da peste? Teria chorado de frio? Fome? Qual será a sua pena por ter derrubado as caixas de ferramentas e ter roído as cordas? Ela não sabia para onde iria, talvez nem soubesse o que queria. Ou quem sabe o seu desejo fosse apenas merecer atenção. Por que a privamos disso? E se lhe negamos o básico, por que a pegamos? Laika

ladrou para quê? O que a levou a pôr para fora tudo o que lhe fora enfiado goela abaixo? Quem lhe disse que tinha o direito de imprimir seu cheiro na história? Se ela não expelisse a comida teria morrido implodida? Era o que esperávamos? Laika não conhecia as leis de condomínio. Alguém deveria tê-la avisado que, em certas ocasiões dramáticas e catastróficas, nem mesmo os seres humanos têm o direito de reclamar. Mas ela infringiu as leis, ao tentar traçar diretrizes para reivindicar desvelo, e terá de pagar por esse delito. O degredo cairá sobre ela. A ré está sob a fúria de meus pesos e minhas medidas. Restam-me algumas linhas, para pensar sobre o seu despacho, até o final desse artigo.

Na verdade, estou farta de Laika e dessa história toda... E ainda nem descobri qual é o sentido da latida de uma cadela em minha vida. Eu deveria respeitar a construção interna da minha crônica e pautar a narrativa só em Laika, mas há um outro cachorro latindo para mim e convidando-me a traçar um paradoxo fora do texto. Ele se chama Fluqui, é branquinho, fofinho, e agora está caído no chão, com a boca toda arrebetada, sob uma poça de sangue. Ele foi espancado por um veterinário de uma pet shop de São Paulo. A equipe da Rede TV passava pelas ruas quando fora abordada pela dona do cachorro. A repórter Luíza Mel — voltemos ao Mel — foi até o local, registrou o acontecimento, a perícia averiguou o caso, os infratores foram penalizados e milhões de telespectadores puderam testemunhar a justiça que fora feita, em menos de um mês, a um cachorro: morto!

Quanto a Laika, que tipo de justiça lhe será feita, em vida? E quanto a nós, que a fizemos de cobaia? Afinal, ela é a vítima, a heroína ou a vilã da história? Os formalistas russos definem o herói, na literatura, como o ser que parte em busca de uma solução, quando as coisas não estão boas. O herói é aquele que encontra opositores pelo caminho, os quais têm por missão eliminá-lo da história. Muitas são as artimanhas contra o herói. Tentam quebrar-lhe os dentes, nocautear-lhe as entranhas, arrancar-lhe a alma... mas o herói resiste à dor.

Arrastando. Sangrando. Mancando... O herói nunca se abate e segue confiante, em busca de uma solução, pois crê no triunfo de suas batalhas. A resistência é a mais relevante característica do herói.

Deixem-me voltar à lógica do texto. Dei uma pena de desterro a Laika e ela foi conduzida a um abrigo provisório, até o outro dia. A ministra, Anna, ficou arrependida e trouxe de volta a minha equipe: "Nossa! Seu plano falhou, heim, presidente!", disse-me ela. "Esse cachorro deve ir embora. Serião, serião!", advertiu o consultor. "Eu não posso fazer nada por ela", disse o advogado. "Acho que Laika deve ficar conosco, por outro lado, será melhor se ela partir", aconselhou a política.

Na terceira noite fui me deitar sem os latidos da cachorra. Acordei no meio da madrugada, assustada, e com o coração disparado. Um vizinho batia em minha porta perguntando se podia averiguar, com a lanterna, a minha área de serviço; ele queria ter a certeza de que o cão havia ido embora. Eu lhe respondi que não, pois tive receio que ele entrasse na cozinha e Laika ainda estivesse lá, embora eu soubesse que não estava. Fiquei confusa. Mas, felizmente, era apenas um sonho.

No dia seguinte, busquei Laika no abrigo e a conduzi até a casa de ração Agrodog. Marlene, a proprietária, ficou incumbida de arrumar-lhe uma nova família. Não houve tempo nem situação favorável para que eu me apegasse em Laika — o que me tornava perfeita para devolvê-la. Mas, no caminho, por alguma razão senti-me pesadosa, tive uma sensação ruim, parecia que eu estava abandonando uma pessoa. Quando a vi debruçada em mim, no carro, com as duas patas apoiadas sobre os meus joelhos, contente e tranquila, orelhas empinadas... parecia que tinha encontrado o seu lugar no mundo. E eu já nem me importava mais por ela ter deixado bolinhas pastosas pelo carpete. Foi naquele momento que me dei conta de que ela era mesmo apenas um bebê, que necessitava de cuidados. Eu estava deixando ir embora um ser que só queria me dar amor.

opiniões

Sou uma feminista superior às outras mulheres e nem um bebê amolece o meu coração? Ou sou uma intelectual pró-vida ao estilo de Bessie Parkes? Aliás, será que ela tinha tempo para cuidar de cachorro? Olhei para o estado de Laika. Refleti sobre o estado de Laika. Laika em seu estado. Um toco de gente olhando para mim. Os cães são pessoas? Que ninguém duvide. Rousseau abandonou cinco filhos recém-nascidos mas amava seu cachorrinho de estimação chamado Sultão. É a humanização do cão! Quanto vale a lágrima de uma cãozita perto de uma mão assassina? Devo cortá-la de minha vida? Olhei para os meus pés, desprovidos de botas de aço marchantes, e lembrei-me do rebanho dos que bebem como os cães nos hospitais; nos presídios; nas sarjetas; nas ruas e nas bocas do lixo; lembrei-me de todas as pessoas que se calam, à revelia, por não terem nascido com o direito ao grito. Pensei nos órfãos adultos, privados de seus familiares que tratam os cães como pessoas, com todo respeito e dignidade. Despojei-me então de Laika, imediatamente.

Gosto muito de animais, mas é melhor que eles fiquem na mata ou no zoológico. É bom vê-los em fotos (de preferência drogados com xarope e dormindo), ou então nos contos literários. Há muitos anos, criei uma cobra em uma caixa de vidro, dei-lhe um nome muito glamouroso: Kafka! Ela era personagem de um romance que participou de um concurso literário. Mas, naquela época, eu nem imaginava que Kafka fosse um dos mais conceituados mestres da literatura mundial. Ao descobrir o significado do nome do meu réptil — kafkaniano — passei a prestar mais atenção no nome das coisas. Quando Alan batizou Laika, também não me ocorreu, na hora, que esse fosse o primeiro ser vivo que os astronautas mandaram para o espaço, em 1957. Laika ficou lá para sempre, pois os russos não tinham garantias nem tecnologia para trazê-la de volta. Quanto à minha Laika, talvez fosse o seu destino que eu a mandasse para o espaço, para nunca mais voltar. Só posso garantir uma coisa: tecnologia não é o meu forte. Laikismo, muito menos!